

Olá, Investidor(a)!

Chegamos à segunda metade do ano de 2022 e, apesar de um longo caminho pela frente, parte das dúvidas e incertezas do primeiro semestre parece começar a ficar para trás.

O ano teve início com o mundo ocidental ensaiando uma realidade positiva pós-Covid. Com um impulso da reabertura dos mercados e a reversão das restrições da pandemia, o mundo vislumbrava uma recuperação econômica no horizonte. No entanto, essa dinâmica positiva foi interrompida pela deflagração da guerra entre Rússia e Ucrânia. No final do primeiro trimestre, o conflito, além de seu aspecto humanitário, gerou um choque de oferta na economia global devido ao movimento acentuado de alta das cotações de diversas commodities, passando então a ser o termômetro dominante dos mercados.

Conseqüentemente, observamos os indicadores de atividade e os dados de inflação, não apenas no Brasil mas também entre os países desenvolvidos, apresentarem uma rápida deterioração. A inflação atingiu níveis historicamente elevados, principalmente entre as grandes economias globais. Com isso, houve uma mudança drástica no discurso dos bancos centrais para uma postura mais dura em torno do combate à alta de preços, contribuindo adicionalmente para a deterioração das expectativas de crescimento. Dessa forma, o aperto das condições financeiras globais criou um cenário ainda mais desafiador.

Nesse contexto, os bancos centrais de diversos países se encontram em uma situação difícil de escolha entre crescimento e inflação. Nos EUA, o Federal Reserve, surpreendido pelos dados correntes e de expectativa de inflação, acelerou o ritmo de alta de juros alcançando 75 bps em sua última reunião. Seus membros encerraram o semestre antevendo a necessidade de mais elevações de juros, com a mediana das projeções mostrando uma alta de 3,50% ao final do ano. Juntamente aos EUA, outros bancos centrais como o BCE (Banco Central Europeu) seguem projetando elevações em suas taxas básicas de juros acima do esperado anteriormente.

Mais recentemente, o aumento da preocupação com uma eventual recessão acompanhou a queda no preço de certas commodities e dúvidas sobre a intensidade e duração do ciclo de aperto monetário começaram a surgir. No último mês, um novo tema vem ganhando força: a proximidade não apenas de uma desaceleração da economia global, mas o risco de uma recessão parece ser cada dia mais provável.

O resultado dessa guinada nas expectativas foi uma performance extremamente ruim dos ativos de risco no período. Nos Estados Unidos, o valor de mercado das empresas listadas caiu mais de 20% enquanto títulos de renda fixa caíram em média 12% e títulos com elevado risco caíram 14%. Nem mesmo uma cesta de títulos do tesouro americano teve um desempenho favorável, com queda de 9% no semestre, performance melhor apenas do que a observada na crise de 2008.

No cenário doméstico, na contramão de países desenvolvidos, o Brasil, que já vinha se adiantando na alta de juros para combater a inflação instalada no país, começa já a apresentar sinais importantes de recuperação com os dados de atividade econômica mostrando um ritmo acima do esperado. Além disso, como um país exportador de commodities, a economia se mostrou parcialmente protegida dos riscos de crescimento. A melhoria dos termos de troca do

Brasil gerou uma melhora fiscal, fazendo com que o país tenha um amortecedor momentâneo para os choques de commodities.

Ao longo do primeiro semestre, vimos um crescimento mundial ainda pujante, no entanto temporário, mascarando uma realidade mais complexa adiante, na qual o crescimento global deve ser mais fraco. Agentes de mercado esperam que a inflação, apesar de arrefecer um pouco no curto prazo, provavelmente permanecerá estruturalmente mais alta do que na última década. Com o aumento dos preços continuando a comprimir os padrões de vida ao redor do mundo, domar a inflação deve continuar a ser a prioridade para formuladores de políticas econômicas nos próximos meses ou até anos.

Nesse momento de turbulência, em que os preços de diversos ativos provavelmente permanecerão sensíveis aos desdobramentos de tais políticas, reforçamos a importância da diversificação como uma poderosa ferramenta para reduzir perdas e otimizar ganhos.

O ponto de inflexão dos mercados de risco pode não estar tão perto, mas a nossa equipe está atenta a mudanças de curso, ajustando as velas para navegar todo e qualquer cenário que venha a se concretizar. Manteremos, portanto, nosso compromisso de prover soluções de investimentos utilizando as ferramentas mais eficientes do mercado, com foco na preservação de capital e com rentabilidade consistente e adequada aos seus objetivos e perfil de risco.

Conte conosco.

Um abraço,
Comitê de Alocação e Time Rio Negro.

 [@rionegroinvestimentos](https://www.instagram.com/rionegroinvestimentos)
www.rionegroinvestimentos.com.br

